



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 25/10/2024 e 31/10/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
25/10/2024	9,87	305,80	44,15	5,69	4,15
28/10/2024	9,74	304,80	42,69	5,58	4,10
29/10/2024	9,65	301,80	42,80	5,70	4,13
30/10/2024	9,76	301,60	43,81	5,73	4,11
31/10/2024	9,82	299,50	45,14	5,70	4,10
Média	9,77	302,70	43,72	5,68	4,12

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	128,00	
RS – Não Me Toque	126,00	
RS – Londrina	133,00	
PR – M.C.Rondon	133,00	
MT – C.N.Parecis	140,00	
MS – Maracaju	142,00	
GO - Rio Verde	126,00	
BA – L.E.Magalhães	124,40	
MILHO(**)		
Porto de Santos	71,00	CIF
Porto de Paranaguá	69,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	64,00	
SC – Rio do Sul	63,00	
PR – M.C.Rondon	60,00	
PR – Londrina	60,00	
MT – C.N.Parecis	49,00	
MS – Maracaju	62,00	
SP – Itapetininga	72,00	
SP – Campinas	74,00	CIF
GO – Rio Verde	61,00	
GO – Jataí	61,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	77,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 30/10/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 31/10/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	65,50	127,90	67,53

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
31/10/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	115,95
Feijão (saco 60 Kg)	306,25
Sorgo (saco 60 Kg)	55,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,88
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,66 **
Boi gordo (Kg vivo)*	8,92

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Agosto/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

O primeiro contrato cotado para a soja, em Chicago, terminou o mês de outubro em baixa na comparação com o início do mesmo mês. Em 1º de outubro o bushel da oleaginosa registrou US\$ 10,57. No dia 30 o produto estava em US\$ 9,76. Ou seja, um recuo de 7,7% em 30 dias. O farelo igualmente despencou, saindo de US\$ 350,00/tonelada curta para US\$ 301,60. Apenas o óleo de soja, sustentado pelo conflito no Oriente Médio, subiu, passando de 42,91 centavos de dólar por libra-peso, para 43,81 centavos na comparação entre as duas datas. O fechamento desta quinta-feira (31) acabou ficando em US\$ 9,82/bushel, contra US\$ 9,96 uma semana antes.

No ano passado o mês de outubro se encerrou com o bushel da soja valendo US\$ 12,87, o farelo valendo US\$ 431,00/tonelada curta e o óleo 51,42 centavos de dólar por libra-peso. Ou seja, em um ano o recuo nas cotações foi significativo, atingindo 24,2%, 30% e 14,8% respectivamente.

Assim, os atuais preços da soja no Brasil, os melhores, na média, neste ano, só se explicam pela forte desvalorização do Real nos últimos meses. A moeda estadunidense valia R\$ 5,76 em boa parte desta última semana de outubro, contra R\$ 5,00 no final de outubro de 2023. Vale adicionar, também, uma melhoria nos prêmios nos portos brasileiros. Assim, a semana terminou com o saco de soja valendo, na média, R\$ 127,90 no Rio Grande do Sul, sendo que as principais praças locais trabalharam com valores entre R\$ 126,00 e R\$ 128,00/saco. Já nas demais regiões do país, a soja oscilou entre R\$ 124,40 e R\$ 142,00/saco.

Um ano atrás, a média gaúcha foi de R\$ 136,79/saco, enquanto as principais praças do Estado trabalhavam a R\$ 133,00. Nas demais regiões do país os preços oscilavam entre R\$ 115,00 e R\$ 124,00/saco. Nota-se, portanto, que no Rio Grande do Sul, atualmente, os preços médios estão mais baixos, enquanto no restante do país os mesmos estão bem mais elevados do que há um ano.

Assim, se o câmbio estivesse nos níveis de outubro/23 o preço da soja, no Rio Grande do Sul, hoje, estaria na média de R\$ 115,00/saco, considerando as demais variáveis (Chicago e prêmio) em cada época, assim como o desconto médio devido aos custos de comercialização e às margens obtidas pelas empresas compradoras.

Já para abril do próximo ano, realizando uma projeção com dois cenários cambiais e tomando as projeções de Chicago e dos prêmios para aquela futura data, temos:

Cenário 1) manutenção de um câmbio ao redor de R\$ 5,76 por dólar. O valor líquido da soja, ao produtor gaúcho no balcão, tende a ficar, em média, entre R\$ 115,00 e R\$ 116,00.

Cenário 2) retorno do câmbio ao patamar de R\$ 5,00 por dólar. O valor líquido a ser recebido pelos produtores recua para algo entre R\$ 100,00 e R\$ 101,00/saco.

Alertando que, se a safra sul-americana for cheia e não havendo outras variáveis importantes que pressionem os preços externos, a soja em Chicago pode recuar para US\$ 9,00/bushel e até um pouco menos. Isso, reduz, obviamente, os preços em reais aqui projetados.

Dito isso, o USDA divulgou que, no dia 27/10, a soja havia sido colhida em 89% da área nos EUA, contra a média histórica de 78%. Já os embarques de soja estadunidense, na semana encerrada em 24/10, atingiram a 2,39 milhões de toneladas. Com isso, no atual ano comercial, os EUA já exportaram 10,4 milhões de toneladas de soja, contra 10,2 milhões em igual momento do ano anterior.

E no Brasil, o plantio da nova safra de soja atingia a 36% da área esperada, estando ainda um pouco atrasado em relação ao ano anterior (cf. Pátria Agronegócios e AgRural). No Mato Grosso, segundo o Imea, a área semeada atingia a 56% do total esperado em 25/10. Lembrando que a média histórica neste estado é de 62,3% (cf. Imea).

Diante de uma colheita praticamente concluída nos EUA, o mercado se volta, agora, para as condições de plantio da oleaginosa na América do Sul, onde se espera uma safra recorde. Como já frisamos, dependendo do mesmo e do desenvolvimento futuro destas lavouras, as cotações em Chicago podem vir a US\$ 9,00/bushel e até menos (cf. Commstock Investments).

Novas estimativas de plantio brasileiro, agora divulgadas pelo banco holandês Rabobank, dão conta de um aumento de 1,5% na área total semeada, levando a mesma para 47 milhões de hectares. Em clima normal o setor agrícola do banco espera uma colheita de 167 milhões de toneladas. Lembrando que, segundo a Conab, o Brasil colheu nesta última safra um total de 147,4 milhões de toneladas, após frustrações regionais importantes.

Enfim, a ferrugem asiática começa a atingir as lavouras brasileiras. Forte incidência da praga surgiu em alguns locais do Noroeste gaúcho, captada a partir do início do Programa Monitora Ferrugem RS para a safra 2024-2025, na última semana. Com a instalação de 74 coletores em lavouras de soja em todo o estado, o programa visa prevenir e controlar a ferrugem asiática, principal doença que afeta o cultivo no Brasil. A ferrugem asiática pode ocasionar perdas na produtividade de até 90%, especialmente em anos com condições climáticas favoráveis ao seu desenvolvimento (cf. Emater).

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, terminam o mês de outubro com viés de baixa. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (31) em US\$ 4,10/bushel, contra US\$ 4,21 uma semana antes e US\$ 4,29 no primeiro dia do mês. Um ano atrás, o bushel de milho finalizava outubro valendo US\$ 4,78.

Em tal contexto, a colheita do cereal nos EUA atingia a 81% da área no dia 27/10, contra a média histórica de 64%. Já os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 24/10, somaram 823.664 toneladas. Com isso, o total exportado, no atual ano comercial, é de 6,6 milhões de toneladas, contra 4,98 milhões no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, a média gaúcha fechou a última semana de outubro em R\$ 65,50/saco, contra R\$ 53,47/saco um ano antes. Assim, contrariamente à soja, o milho se valorizou em termos médios, ganhando 22,5% no período de final de outubro/23 ao final de outubro/24. Já nas demais regiões brasileiras, o preço do cereal fechou outubro oscilando entre R\$ 49,00 e R\$ 72,00/saco. No ano passado, na mesma época, estes preços estavam entre R\$ 36,00 e R\$ 55,00/saco. O ganho anual, aqui, está entre 30% a 36% conforme a região do país. Já na B3, o fechamento do dia 30/10, para os contratos mais próximos, registrou valores entre R\$ 73,15 e R\$ 76,77/saco, contra R\$ 59,44 e R\$ 66,59/saco um ano antes.

Confirmando este quadro aqui apresentado, o Imea indica que, no Mato Grosso, no dia 25/10 o preço do milho chegou a R\$ 52,41/saco em termos médios, valor que não era visto desde o dia 27 de abril de 2023. “Quando a comparação é com o mesmo período do ano passado, o preço do milho está 49,7% mais alto no estado.”

Ou seja, por enquanto, as baixas exportações brasileiras de milho não estão levando a uma redução nos preços do cereal no país. Na prática, elas estão se adaptando ao menor volume produzido na última safra geral. O que ocorre é o Brasil perder partes do mercado internacional já conquistadas, pelo menos momentaneamente.

De fato, segundo a Secex, nos primeiros 19 dias de outubro o Brasil exportou uma média diária de 281.042 toneladas, o que significa 30,1% a menos do que a média diária de todo o mês de outubro do ano passado. Com isso, até aquele momento, o país havia exportado 5,3 milhões de toneladas de milho em outubro/24, contra 8,4 milhões no mesmo mês do ano anterior. Diante disso, a Anec espera que o país exporte, em outubro, um total de 5,92 milhões de toneladas do cereal.

Dito isso, o plantio do milho de verão chegava a 52% da área esperada, no Centro-Sul brasileiro, no dia 24/10. No ano passado, o mesmo atingia a 53% (cf. AgRural). Já a Conab aponta uma área semeada menor, com a mesma chegando a 36,8% no dia 27/10. No Rio Grande do Sul, até o dia 24/10, o plantio do milho chegava a 68% da área esperada, estando exatamente dentro da média histórica (cf. Emater).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram um pouco nesta semana, com o bushel fechando a quinta-feira (31) em US\$ 5,70, contra US\$ 5,81 uma semana antes. No ano passado, nesta mesma época, o bushel do cereal valia US\$ 5,56.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 80% da área esperada no dia 27/10, contra 84% na média histórica. Já 56% da área semeada apresentava trigo germinado, contra 61% na média histórica para esta data. Por outro lado, as condições das lavouras plantadas apresentavam-se com apenas 38% entre boas a excelentes, 39% regulares e 23% entre ruins a muito ruins.

Efetivamente, a safra de trigo de inverno nos EUA está em situação muito ruim, surpreendendo os técnicos. A seca vem causando prejuízos importantes nas regiões produtoras daquele país, embora haja chuvas previstas para a virada do mês. A classificação das lavouras é a segunda pior para a semana em 39 anos de registros.

Na semana passada, cerca de 58% das áreas de trigo de inverno dos EUA estavam passando por seca, a maior parcela desde o início de 2023. A última boa colheita por lá foi em 2016, com um rendimento recorde de 62 sacos/ha. Desde então, os resultados mais próximos foram 60 sacos em 2019, seguidos por 57,9 sacos em 2024.

Já os embarques estadunidenses de trigo registraram 248.534 toneladas na semana que se encerrou em 24/10. No acumulado do ano comercial, o volume soma 9,5 milhões de toneladas exportadas, contra 7,1 milhões na mesma época do ano anterior.

Po outro lado, na Argentina, as exportações de trigo podem chegar a 13,3 milhões de toneladas em 2024/25, sendo o segundo maior volume exportado na história do país. Espera-se uma colheita de 19,5 milhões de toneladas de trigo no vizinho país (cf. Bolsa de Cereais de Rosário).

E na Rússia os preços de exportação do trigo pararam de subir. O preço do produto, com 12,5% de proteína, com entrega FOB programada para novembro, era de US\$ 232,00/tonelada no final da semana passada, registrando uma queda de US\$ 2,00. A consultoria Sovecon “elevou sua estimativa de exportação de outubro para um potencial novo recorde de 5 milhões de toneladas, em comparação com 4,7 milhões de toneladas há um ano, que é o maior volume registrado atualmente”. Até o dia 18/10, os russos haviam colhido 83,1 milhões de toneladas de trigo, contra 92,8 milhões no ano anterior (cf. Reuters).

E no Brasil, os preços se mantêm com viés de alta, para o produto de qualidade superior, ficando em R\$ 68,00/saco no Rio Grande do Sul e entre R\$ 77,00 e R\$ 79,00/saco no Paraná, os dois principais estados produtores do país. Registre-se também forte alta dos preços em São Paulo, onde a colheita está praticamente concluída e a quebra de safra se cristalizou. Um ano atrás, a média gaúcha era de R\$ 49,64/saco, com as principais praças do estado praticando entre R\$ 48,00 e R\$ 50,00/saco. Já no Paraná, o preço era de R\$ 54,00/saco junto às principais praças daquele estado. Ou seja, em 12 meses o preço do trigo superior, no Rio Grande do Sul, subiu 37%, enquanto no Paraná a alta está entre 42% e 47%, dependendo do local.

Atualmente, no Paraná, a colheita atingia a 91% da área, havendo ainda 14% do que restava a colher em condições ruins. Já no Rio Grande do Sul a colheita chegava a 29% da área no dia 24/10, contra a média de 31% para o período.

De fato, a quebra da atual safra brasileira vai se confirmando. Em relação ao esperado inicialmente a mesma poderá chegar a algo entre 20% e 25%, com o volume final ficando ao redor de 7,5 milhões de toneladas. No ano passado o país colheu 8,1 milhões de toneladas. Além disso, há o problema da baixa qualidade do produto, em boa parte não alcançando o PH 78, considerado o ideal, e tampouco o Falling Number adequado como já destacado em nosso comentário anterior. Com isso, as importações do cereal, por parte do Brasil, deverão aumentar em 2025. O volume deverá girar entre 5 e 6 milhões de toneladas.